PROCESSOS DE CRIAÇÃO E APRECIAÇÃO EM ARTES VISUAIS - O CONTEXTO URBANO COMO CIRCUITO EXPERIMENTAL.

Sílvia Santos Pinheiro Cruz – UFU

Heliana Ometto Nardin -UFU

Resumo

Este artigo apresenta uma investigação acerca do projeto *Arte Móvel - Urbana* do programa Cultura na Comunidade sob a organização da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia - MG. Tendo como recorte a apreciação teórica e crítica das propostas selecionados e a leitura especifica do trabalho *Tramas e Trajetos*, cuja análise parte dos conceitos da arte relacional, teoria que investiga a arte urbana e seu papel na sociedade atual.

Palavras-chave: Arte contemporânea, intervenção urbana, arte relacional e processo de criação.

Abstract

This article presents a research project about the Mobile Art - Urban Culture in the Community under the organization of the Municipal Culture Uberlândia - MG. Having as a theoretical and critical assessment of the proposals and selected reading of the work specifies Plots and paths, whose analysis of the concepts of relational art, a theory that investigates urban art and its role in society today.

Key-words: *Contemporary art, urban intervention, and relational art creation process.*

INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho estudamos sistematicamente os processos artísticos que se utilizam da cidade como suporte para sua expressão. A pesquisa visa investigar a fundamentação teórica e o fazer artístico contemporâneo em suas novas linguagens e expressões dadas no contexto urbano, especificamente em Uberlândia – MG.

O foco principal é o estudo das linguagens artísticas contemporâneas que se utilizam da paisagem urbana como suporte para suas obras, sendo assim, averiguamos a produção dos artistas que participaram do *projeto Arte Móvel-Urbana 2009* do Programa Cultura na Comunidade sob a organização da Secretaria Municipal de Cultura desta cidade.

Segundo Salles(2001) a arte contemporânea tem como temática o questionamento das diversas formas de comunicação e relacionamento social existentes na atualidade. Afirma ainda que esta temática rompe com a arte compreendida no âmbito da modernidade, isto é, como revolução formal e cultural, a medida que propõe novas formas de expressão paralelas as das relações e comunicações exercidas na sociedade em que estamos inerentemente inseridos.

Com esse entendimento, na presente pesquisa, objetivamos o cumprimento das seguintes etapas: investigação e sistematização dos processos de criação em arte urbana através do estudo bibliográfico e da coleta de dados referentes a esse tema; registro e catalogação dos projetos e da instalação desses trabalhos no espaço urbano e no espaço expositivo Galeria Geraldo Queiroz; apreciação dos processos de criação, selecionados e executados.

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa teórica conceitual envolvendo os processos de criação relativos a arte urbana e sua possível sistematização. Priorizamos, neste momento, o estudo de livros, catálogos, reportagens, textos críticos, artigos em periódicos, cadernos de arte e meios áudios visuais que focavam, especificamente, a arte urbana efêmera em contraposição a arte pública perene e, também, pesquisa de campo para a coleta de dados, junto a Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia-MG, em busca das informações contidas nos seguintes documentos: memorial dos projetos propostos pelos artistas selecionados e os registros da execução e da instalação dos trabalhos no espaço urbano, e os projetos expostos na Galeria Geraldo de Queiroz.

Para a elaboração do texto crítico iniciamos a nossa reflexão com o acesso aos dados dos projetos do *Arte Móvel – Urbana/2009,* o que nos permitiu a constatação de suas modalidades pela análise de sua formatividade. Verificamos que estes não propõem a existência do objeto artístico como objeto conformado a uma estética modernista, aqui entendida como aquela que revela uma preocupação formal que visa a superação da intenção imitativa, naturalista nas artes ou ainda a que propõe a construção de formas plásticas abstratas e/ou geométricas, as denominadas formas puras e universais. Os projetos apresentados afirmam a intervenção artística como uma ferramenta para que o observador possa interagir e

criar, no tempo presente, uma forma diferente de se relacionar com o mundo ou ainda questionar as formas de relacionamento e comunicação habituais.

Assim, a arte construída na atualidade tem um caráter afirmativo do relacional, sendo o mesmo estudado por alguns teóricos, historiadores e críticos de arte, especificamente como arte relacional, tendendo a uma imaterialidade por atribuir ao tempo prioridade em detrimento do espaço. O objeto passa então a ser o “happy end” do processo de exposição e não a conclusão lógica do trabalho. Configura-se então um acontecimento. (BOURRIAUD, 2009)

Ainda, segundo Bourriaud, os artistas cujo trabalho deriva desta estética possuem um universo de formas, uma problemática e uma trajetória que lhes são próprias, ou seja, nenhum estilo, tema ou iconografia os une “O que eles compartilham é muito mais importante, a saber é o fato de operar em um mesmo horizonte prático e teórico: a esfera das relações humanas”(2009. p.16).

Neste momento inicial de reflexão crítica, a articulação de idéias defendidas principalmente por três autores foi primordial para a fundamentação teórica da análise proposta, ou seja, a da arte como intervenção urbana. Os conceitos defendidos por Vera Pallamin , Oskar Negt e Nicolas Bourriaud foram norteadores para a compreensão da relevância dos projetos do *Arte Móvel – Urbana /* 2009.

Segundo Oskar Negt(2002) na atual etapa da sociedade capitalista, de cultura massiva, tecnológica e globalizada vivemos em meio a uma crise erosiva, na qual valores antigos já não possuem validade, ao mesmo tempo em que procuramos por novos valores, ainda inexistentes. Nos encontramos, segundo o autor, em um vácuo moral onde muitos não possuem a clara noção do que seja certo e do que seja errado. O autor defende que, nesse momento em que se vêem em crise de valores e conseqüentemente de identidade, as pessoas costumam se apoiar em algo que possua validade indubitável. Como, na atualidade, são as estruturas das colocações técnicas e econômicas as que mais se aproximam destas, podemos consequentemente afirmar que passamos a tomar como valores pessoais, orientadores de nossa conduta, esses valores anunciados. Observamos como efeito imediato desse aporte, ou seja, da apropriação desses valores pela esfera do

pessoal, do particular, a supervalorização do mercado como instituição reguladora da sociedade, em grande parte por tomarmos os valores econômicos como os únicos valores indubitáveis a seguirmos.

Oskar Negt afirma, ainda, que devido aos aspectos acima descritos podemos perceber:

> A efetivação da tendência totalizante do capital sobre a cultura, expresso no papel central que esta tem assumido em seus mecanismos de reprodução e mediação. Sob tal dominância faz-se o elogio mercadológico do produto cultural. Nesse contexto ocorre um processo de estetização associado a disputas pelas diferentes formas de capital cultural estimulada pela competição entre as cidades. Esse processo de estetização corrobora com a supervalorização da imagem e do efêmero, e com uma espécie de esvaziamento de conteúdos. Práticas e projetos culturais, dessa perspectiva tendem a ser reduzidos ou instigados às conseqüências de interesses econômicos. (NEGT, 2002, p.23.)

Segundo esse autor, quando falamos em arte urbana essas questões se apresentam como cruciais, uma vez que esta, compreendida no plano das relações sociais e não reduzida a uma dimensão estetizada, repercute as contradições, conflitos e relações que constituem a cidade. Nesse registro especifico, da sua tematização, associa-se direta ou indiretamente à natureza constituinte do espaço público, à questões de identidade social e urbana, de gênero e expressões culturais que possam ou não nele vir a ocorrer e ainda as condições de cidadania e democracia.

Na visão de Negt, enfatiza-se a via pelo qual os valores da arte contemporânea não são vistos separadamente dos da vida urbana e cotidiana. Sua concreção estética, as significações e os valores com os quais trabalha incitam o questionamento sobre como e por quem os espaços da cidade são determinados, que imagens, representações e discursos são aí dominantes, quais ações culturais contam ou quem tem exercido o direito à fruição, participação e produção cultural.

Em meio ao horizonte aberto de possibilidades pelas quais as práticas artísticas podem vir a se manifestar nos espaços urbanos, focaliza-se aqui a arte urbana como prática crítica , relevando-se o caráter profícuo que esta propicia à reflexão sobre o espaço público.

> Atualmente a dificuldade em falar sobre cultura nesses termos críticos é marcante, devido a dissolução do potencial emancipatório da arte e à amortização de noções como “superação” e “negatividade”, que se tornaram parciais. Tomando-se a política em um sentido amplo de transformações da coisa e do espaço públicos em direção à superação de contradições do presente, registra-se que temos vivido um presente caracterizado pela experiência da cultura sem política, com a perda do sentido histórico e da totalidade como horizontes referenciais.(NEGT, 2002, p.30)

Nesses termos, chamamos a atenção para uma das teses de Nicolas Bourriaud(2009) em que se afirma que o crítico jamais encontrará na obra contemporânea os padrões estéticos com os quais estava acostumado a trabalhar na arte moderna, uma vez que a arte moderna trabalhava com a superação de si mesma e a arte contemporânea não mais propõe o rompimento com o presente para a construção de novos parâmetros, mas a construção de “ilhas de convivência” de momentos especiais no qual essas relações diminuidas pela regulação do estado possa ser dada no aqui e no agora.

> O contexto social atual restringe as possibilidades de relações humanas e ao mesmo tempo cria espaços para tal fim. A mecanização geral das funções sociais reduz progressivamente o espaço relacional. A arte de hoje cria espaços livres, gera durações com um ritmo contrário ao das durações que ordenam a vida cotidiana, favorece um intercambio humano diferente das “zonas de comunicação” que nos são impostas.A arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações.(BOURRIAUD, 2009, p.27)

Destacamos, juntamente com esses autores, a arte urbana como prática crítica exatamente nesse momento em não há buscas utópicas que, entretanto, já fizeram parte das buscas artísticas um dia. Isso não significa pela voz de Pallamin (2000), propor uma atitude nostálgica que buscaria os momentos áureos do passado e que teria portanto como efeito uma produção esvaziada de sentido. Tampouco significa uma aproximação com uma atitude decepcionada, pelo contrário, a idéia de tornar a cidade disponível para todos os grupos potencializa a ação dos artistas e a inserção dos trabalhos na paisagem urbana. De acordo com esta autora, essa prática sendo crítica inclui dentre seus propósitos estéticos, como já assinalado, o desafio a certos códigos de representação dominantes, a introdução de novas falas e a redefinição da utilização dos espaços urbanos físicos e simbólicos. Neste ponto propomos uma nova aproximação com o texto de Nicolas Bourriaud(2009),

reafirmando nosso entendimento sobre a relevância das intervenções artísticas como produção cultural crítica, espaço das “microutopias”.

> A geração dos anos 1990 retoma a problemática da formação das relações de convívio mas sem o problema da definição de arte da insistência sobre as relações internas do mundo artístico, numa cultura interna que privilegia o novo e convidava a subversão pela linguagem tentando ampliar os limites da arte. A questão hoje esta sobre as relações externas numa cultura eclética, na qual a obra de arte resiste ao rolo compressor da “sociedade do espetáculo”. As utopias sociais e a esperança revolucionaria deram lugar a microutopias cotidianas e as estratégias miméticas: qualquer posição critica “direta” contra a sociedade é inútil.(2009, p16)

Com esse entendimento organizamos nossa ação e definimos o método e os instrumentos de trabalho necessários pois, desde o momento em que obtivemos os projetos e os registros das intervenções artísticas, deu-se a necessidade de montar uma ficha para a catalogação e registro deste material. Ficha esta que foi organizada segundo os parâmetros de modalidades artísticas definidos pelo próprio edital do *Arte Móvel – Urbana/ 2009* e ainda segundo os parâmetros determinados pela pesquisa, em acordo com a análise pretendida.

Desdobramentos: imersão, descrição e apreciação.

O projeto *Arte Móvel-Urbana/2009* aprovou cinco propostas de intervenções artísticas entre as 68 incritas: *Tramas/Trajetos* - Susana De Lima e outros; *Street VJ* - Diogo Favato; *Memória, corpo e cidade* - Lucas Laender; *Acessos* - Ariel Luis Lazzarin e outros; *Hominidae* - Ricardo Alvarenga Ribeiro. Das propostas aprovadas três constituiram objeto de estudo deste trabalho.

O projeto *Acessos* categorizado em duas modalidades: objeto e ação envolvendo a comunidade, tem como autores: Ariel Luis Lazzarin, Ana Paula Tavares Miranda, Mairla Leles Melo e Kássia Valéria de Oliveira Borges caracterizando-se como um coletivo de artistas. Propõe-se a construção de um elemento arquitetônico, objeto constituído de sete módulos de madeira compensado, de diferentes tamanhos e formatos que podem ser montados com diversas configurações determinadas pela posição de encaixe desses módulos. Estes, quando montados no circuito urbano, são configurados pelos artistas visando a interação com o público.

O transeunte que se dispõe a interagir com o objeto tem a possibilidade inicial de subir alguns degraus, pois esta é a configuração do módulo de uma das extremidades do *Acessos.* Ao nível do último degrau outro módulo se apresenta como um espaço pavimentado que possibilita a caminhada do transeunte, participador, essa passarela termina em uma rampa que o conduz de volta ao espaço urbano inicial. O trajeto pode também se dar de forma contrária, iniciando-se pela rampa e terminando nos degraus que serão utilizados agora para a descida ao nível da rua. *Acessos* objetivou proporcionar nova dinâmica a um local público com a intenção de acionar outras percepções e outros pontos de vista através da verticalização do olhar.

Este trabalho foi realizado em espaços urbanos previamente mapeados privilegiando lugares de fluxo constante de pedestre. Zona central: Av. Floriano Peixoto - em frente ao "Goma - cultura e movimento"; Rua Santos Dumont - em frente ao Uberlândia Clube ; Praça Tubal Vilela - próximo ao ponto de ônibus da Av. Afonso Pena(imagem 1); zona Sul: Av. Esquina Av. Belo Horizonte com Av. Raulino Cotta Pacheco - em frente a Sociedade São Vicente de Paulo e Av. Vasconcelos Costa - Shopping Center Sul; zona Oeste: rua das Gameleiras - em frente o Cemitério Bom Pastor; e Área verde do Bairro Holanda. Permanecendo nesses locais pelo período de uma semana.

Acessos, em sua execução diferenciou-se do projeto, ocorrendo uma diminuição na quantidade de módulos a serem utilizados, esse redimensionamento do objeto foi realizado para uma melhor adaptação aos locais a serem ocupados.

De acordo com Lazzarin, componente do coletivo de artistas, esta etapa gerou um intenso período de negociações junto a Secretaria de Serviços Públicos, setor de acessibilidade e planejamento urbano, para que o projeto fosse compreendido em sua abrangência. Compreendê-lo pelas diversas implicações dos planos perceptivos que favorecem ao transeunte participador, por meio dessa diversidade perceptiva, uma possível reflexão sobre o trabalho e sobre o espaço urbano acionado por ele. *Acesso* se apresenta, então, como uma ação além da questão da mobilidade humana, além da simples obstrução física pois propõe-se o

desvio como acesso a outra experiência sensorial do espaço, outros pontos de vista.

Imagem 1 - *Acesso*, projeto Arte Móvel- Urbana/2009

Tramas e Trajetos também foi realizado por um coletivo de artistas: Sérgio Ricardo Fernandes Rodrigues, Susana de Lima e Cecília Maritza da Silva. A ação artística coletiva realizou-se nos terminais de ônibus e também no interior dos veículos de transporte coletivo da cidade. Foi descrito, no memorial do projeto, da seguinte maneira: os passageiros serão convidados a participar da ação artística através da realização de tramas em teares de mão (tear simples), portáteis, utilizando materiais diversos disponibilizados pelo grupo de artistas(fitas, linhas, tecidos, fibras...). Serão utilizados 100 (cem) teares simples, estruturas retangulares confeccionadas com madeira e pregos, de medidas 30 x 40 cm, com urdidura de linhas previamente montadas. Os integrantes do grupo de artistas irão para os terminais de ônibus da cidade, acompanhados de uma equipe de apoio, levando os materiais supracitados, e tanto nestes espaços quanto no interior dos ônibus, abordarão pessoas, e, a partir de uma breve explicação sobre o projeto, as convidarão a participar de forma prática, ou seja, confeccionando tramas, no período e que esperam seu ônibus e /ou no período em que se locomovem pela cidade, por este meio de transporte.

O objetivo desta proposta, segundo os artistas, consiste em resgatar um fazer artesanal, tradicional na cidade de Uberlândia, a partir de uma concepção contemporânea deste fazer; visa despertar os indivíduos de diversas classes sociais de nossa cidade para atividades que permitam desenvolver processos criativos/artísticos; promover reflexões, a partir deste fazer artesanal/artístico, sobre a cidade em que se vive, sobre o deslocamento dos indivíduos no espaço urbano contemporâneo, e das relações indivíduo/coletividade e indivíduo/cidade, que se estabelecem a partir do transporte coletivo.

Imagem 2- *Tramas e Trajetos*, Intervenção em um ônibus, projeto Arte Móvel-Urbana/2009

Imagem 3- *Tramas e Trajetos*, Galeria Geraldo de Queiroz, projeto Arte Móvel-Urbana/2009

Já o trabalho de Lucas Laender, denominado *Memória, corpo e cidade,* é uma ação que envolve a comunidade através do desenho. Podemos descrever seu projeto da seguinte maneira: consiste no desenho de silhuetas humanas, em muros do espaço público em Uberlândia – MG. Estes desenhos são iniciados pelo artista, que propõe aos transeuntes uma possível interação com os mesmos. Os desenhos, de diversas e diferentes silhuetas de pessoas em tamanho real e em diversas posições, foram executados utilizando lápis 6B e grafite integral.

O contorno do desenho realizado por linhas de escritas que remetem à historicidade do local, da cidade ou comentários pessoais sobre o estar no mundo. Ao lado dos desenhos foram fixados pregos e nestes amarrados linhas de algodão ou de lã vermelhas com um lápis na extremidade para que os participantes possam continuar as escritas. No chão, ao lado de cada silhueta estão dispostas pequenas pilhas de jornais locais, e em cima destes recipientes apontadores e borrachas.

Os jornais estão aí como dispositivos, índices de registro e memória urbana. Através da escrita o participador continua o desenho iniciado pelo artista propositor, desenho construido e impregnado por palavras que remetem a história da cidade, do local em que estão inseridos, histórias pessoais ou ainda qualquer outro registro.

Este trabalho foi realizado nos seguintes locais: parede de um prédio abandonado situado na zona central; muro externo do espaço cultural Graça do Axé e Praça Paris, ambos situados na zona Norte da cidade.

O objetivo principal da proposta: trabalhar com a expressão e memória dos cidadãos que transitam pela cidade, bem como sua compreensão para cada indivíduo, construindo imagens singulares, formando uma paisagem repleta de memória sensível.

Imagem 5 – *Corpo, Memória e Cidade, projeto Arte-Móvel Urbana/2009*

Imagem 6– *Corpo, Memória e Cidade, projeto Arte Móvel-Urbana/2009*

Uma primeira apreciação crítica.

A proposta do exercício de reflexão crítica sobre estes processos de criação nos permitiu averiguar que cada proposição traz um projeto de formatividade, evidenciando-se todos como dispositivo relacional a medida que atribuem ao tempo de relação, da realização do convívio que o trabalho exige, maior valor do que a materialidade do objeto artístico. Visando colocar em jogo, ou melhor, no jogo

articulador da arte, modalidades diferenciadas de percepção tanto do espaço quanto do tempo. Mobilidade e efemeridade a que as intervenções artísticas se propõem.

Neste artigo, como resultado de nossa ação pesquisadora, apresentamos um dos exercício de leitura crítica, o de *Tramas e Trajetos*, em que buscamos sua compreensão ética e estética, sua “microutopia”.

Percebemos que, tendo como objetivo proposto resgatar um fazer artesanal tradicional próprio a esse local, a essa cidade, o coletivo de artistas apropria-se desse saber e o desloca para outro campo de ação e de conhecimento, indo do campo do artesanato popular para o campo da arte urbana e contemporânea. Coloca em trânsito o sensível dessas tramas e reaviva nossa memória afetiva, sensível, bem como o saber popularmente construído.

Esse saber-tecer artesanal construído historicamente pela comunidade, encontra registros de sua existência, ou seja, registros da fabricação de tecidos através da roca, das fiandeiras, do tear e das tecedeiras, desde o século XIX. Com o investimento em fábricas têxteis, com o comercio atacadistas e de varejo em desenvolvimento, já na primeira metade do século XX, temos um declínio acentuado dessa atividade. Entretanto, essa prática artesanal manteve-se presente na cultura pela ação de determinados segmentos sociais através da transmissão entre as gerações de famílias de tecedeiras, mantendo vivo esse conhecimento artesanal. Esse saber, esse conhecimento próprio de artesãos que trabalham com a roda e o tear, constitui-se e é compreendido como manifestação de uma tradição e manutenção da identidade pelo âmbito da materialidade expressiva própria da cultural popular.

Com essa visão, o Centro de Fiação e Tecelagem “Dona Belmira” é criado em Uberlândia em 1993. O governo do Estado de Minas Gerais juntamente com a Secretaria de Ação Social da Prefeitura local, e hoje com a participação, também, da Associação Comunitária busca manter presente a tradição do artesanato, especialmente da fiação e da tecelagem, nesta região.

Assim, o Centro “Dona Belmira” tem por objetivo apoiar e viabilizar iniciativas comunitárias em programas de cursos profissionalizantes e trabalhos artesanais,. viabilizando sua produção e comercialização como meio eficaz de manter vivo o conhecimento técnico e os processos de tecelagem artesanal em tear de pedal.

Em *Tramas e Trajetos* os artistas propositores buscam esta prática cultural como a vivência de um saber e não tem por objetivo a sua preservação. Trazendo o conhecimento tradicional para o tempo de vivencia contemporâneo, no trânsito do espaço urbano, rememoram um saber da cultura popular local deslocando-o para outro contexto, ressignificando seu propósito simbólico. Ao deslocar o fazer artesanal para um ambiente de trânsito e não de permanência, os artistas provocam no transeunte participador a possibilidade de revivecer uma prática advinda de um passado cultural, experimentando ao mesmo tempo aquele local, o do terminal de ônibus ou o do trajeto do coletivo, em um tempo/espaço diferente do habitual, mas semelhante e impregnado de um tempo/espaço cotidiano, construido socialmente pelos afazeres da comunidade. Experimenta este local através do tempo do fazer artesanal, em trânsito entre passado revivido e presente articulado processado por outra formatividade.

Verificamos que a preservação desse saber-tecer, construído historicamente como expressão cultural, é do âmbito das tecedeiras que ainda o exercem e do Centro de Tecelagem e da Associação que tem essa missão como um de seus objetivos. Na busca da preservação desses códigos culturais, a originalidade e a gratuidade do fazer são conceitos que não permeiam as práticas tradicionais que seguem o uso de repassos (receitas para tecer) e padrões já definidos. São padrões repetidos e que são repassados as próximas gerações de tecelãs, entretanto, a comunidade local desenvolveu e possui repasses, padrões próprios que caracterizam o fazer artesanal como específico do seu contexto cultural, dando-lhe uma visibilidade identitária.

O tear de mão, na ação proposta pelos artistas à comunidade, está inserido como objeto carregado de memória coletiva que propicia uma ação relacional, uma interação entre indivíduos e entre esses indivíduos e um fazer expressivo, nesse sentido sempre original. Sendo assim o transeunte participador nos dá sua forma de

tecer como um acontecimento em rede, tecido pelo trajeto e pelas tramas de um passado sempre atualizado. A proposta é de manuseio livre, sendo o ciclo desse tecer o movimento das mãos sobre as linhas tencionadas no tear, é a trama que surge dos fios que entram e saem, seguindo o movimento corporal de cada participador desta atividade, bem como é a tensão do gesto que intenciona a realização de algo. Este é o indicador do trajeto que a trama vai realizar.

Sendo esta intervenção uma ação de caráter relacional o tempo da realização desta ação artística é tão importante como o objeto que resultara deste encontro. O momento de encontro, de interação mediada por um fazer expressivo, entre artistas e participadores é o momento de "microutopia" que interessa nos interessa e aos porpositores.

Para os artistas propositores e para os participadores, a questão não é definir a ação como arte ou artesanato. O foco é a questão do tempo, tempo da forma, do acontecimento e de sua expressão compreendendo o tempo relacional. Ruptura efêmera, mas vigorosa, do tempo dirigido pelas marcas do cotidiano.

REFERÊNCIAS

BORRIAUD; Nicolas; *A estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009

NEGT, Oskar. Espaço Público e Experiência In: LUDEMANN, Marina(org) *Cidade e Cultura, esfera pública e transformação urbana*. São Paulo : Editora Estação Liberdade, 2002.

PAGLIERI, Rodrigo. A paisagem Dialética. In: MEDEIROS, Maria Beatriz , AMADEU, Flavia (org). *COMA – Coletivo do mestrado em Arte*. Ano 4, n. 4 (set 005). Brasília: IdA, 2005.

PALLAMIN, Vera Maria. *Arte Urbana*: São Paulo região central (1945 – 1998): obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

_____ *Arte Urbana como Prática Crítica* In: LUDEMANN, Marina (org) *Cidade e Cultura, esfera pública e transformação urbana*. São Paulo : Editora Estação Liberdade, 2002.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processos de criação artística*: Annablume. São Paulo, 1998.

SEMINÁRIO DE ARTE PÚBLICA SÃO PAULO, SP. *Arte Publica*: trabalhos apresentados nos seminários de arte pública realizados pelo SESC e pelo USIS de 17 de outubro de 1995 e de 19 a 21 de novembro de 1996/ SESC. São Paulo: SESC, 1998.

SILVA, Armando. *Imaginários urbano.* São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convênio AndrésBello,2001.

Sílvia Santos Pinheiro Cruz

Bolsista do programa de Iniciação cientifica FAPEMIG; Graduanda do curso de Arte Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia-MG; silvia_ cruzz@yahoo.com.br

Heliana Ometto Nardin

Prof[a] Dr[a] do programa de Pós-Graduação em Artes e da graduação em Artes Visuais., Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia-MG.